



Café e finanças, apostas do grupo Espírito Santo

Ativos na América do Sul somam cerca de US\$ 270 milhões

Inês Figueiró
de Salvador

Com 3,25 milhões de pés de café plantados na Fazenda Lagoa do Morro, no município de Brejões, na Chapada, a Agribahia S.A., do grupo português Espírito Santo, responde pelo maior empreendimento da cafeicultura baiana. A safra 1997/98, cuja colheita se estende até outubro, deverá totalizar 40 mil sacas, que serão vendidas ao exterior e a algumas torrefadoras nacionais.

As vendas ao mercado interno se intensificaram desde 1994, quando o Brasil começou a registrar um aumento no nível de exigência dos consumidores, muitos deles acostumados a beber cafés de qualidade superior em suas viagens ao exterior. A maioria (65%) do café produzido pela Agribahia, é descolpado, ou seja, o fruto é descascado e fermentado para diminuir a mucilagem (goma) que o envolve. O resultado é um café incorporado e de acidez média, a exemplo dos colombianos.

Hoje, a empresa destina de 35% a 50% de sua produção à indústria nacional. A variação obedece a flutuações de preços. "Se o mercado interno estiver pagando mais, vendemos aqui dentro", explica Sílvio Leite, gerente da Agribahia.

O crescimento do mercado brasileiro, hoje consumidor de 12 milhões de sacas por ano, devendo chegar a 15 milhões na virada do século, já está levando a empresa a expandir suas atividades. Até o final do ano, ela estará lançando sua marca de café torrado e moído:

Agricafé – sabor da Bahia. "O nome faz menção às referências feitas ao café no exterior", explica Leite.

O projeto no segmento torrefador deverá ser expandido. Depois desta marca, a empresa prevê o lançamento de outras duas, uma com "blends" de café finos e outra direcionada ao público consumidor dos cafés especiais, com alto padrão de seleção e manejo produtivo.

Estes últimos respondem por 20% das 26 mil sacas do grão despulpado produzido pela Agribahia. A venda de café "gourmet", cujo principal mercado são os Estados Unidos, significa um acréscimo entre 10% e 15% sobre o preço da saca de café comercial fino.

Para garantir a uniformidade dos frutos colhidos, com consequente ganho de qualidade, o processo é feito manualmente. "Fazemos a colheita seletiva, quando só a cereja (grão maduro) é tirada do cafezal", explica o funcionário. Na própria

fazenda, há uma unidade processadora com capacidade para mil sacas/dia. Entre trabalhadores fixos e sazonais, a Agribahia tem hoje no seu quadro 2.500 pessoas.

A atuação em café vem desde 1975, quando o grupo Espírito Santo chegou ao Brasil e se associou ao empreendimento que a inglesa E.D.F. Man mantinha na Bahia. Atualmente, o grupo detém o controle da Agribahia, com 90% das ações. A mudança na sociedade não alterou as características do empreendimento, conhecido desde o início pelo seu grande porte.

Os ativos do grupo Espírito Santo na América do Sul somam

aproximadamente US\$ 270 milhões. A vinda para este continente foi deflagrada pelo processo de nacionalização de ativos instituído em Portugal após a revolução de 1974.

No Brasil há 22 anos, o maior conglomerado econômico privado de Portugal mantém a tradição de quem atua no mercado bancário desde 1880. Associado ao grupo Monteiro Aranha e ao Credit Agricole, controla o Banco Inter-Atlântico.

No ano passado, inaugurou o escritório de representação do Banco Espírito Santo, onde está também a Espírito Santo Ativos Financeiros (Esaf) – especializada na administração de fundos. Recentemente, a ESaf comprou 10% do capital da Monteiro Aranha S.A.

O Banco Espírito Santo Sociedade de Investimentos (Essi) é especializado em privatizações, com atuação na consultoria a investidores. "O Essi atuou na recente privatização da Companhia Energética do Rio de Janeiro (Cerj), que teve 30% de suas ações compradas pela Eletricidade de Portugal (EDP)", informa o superintendente no Brasil, Antônio Avilez. O executivo destaca que o grupo está dando consultoria a empresas em outras privatizações previstas no Brasil.

A atuação do grupo abrange ainda a área de seguros. É dele a Companhia de Seguros Inter-Atlântico. Em associação com o grupo Accor, da França, e Brascan, os portugueses participam do grupo Ticket Alimentação.

No Paraguai, o outro país sul-americano onde os portugueses se instalaram, as atividades estão concentradas no setor agrícola, com produção de algodão. ■